

Estudo da arte das expressões faciais na emoção da ironia

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.016-006>

Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César

Fonoaudióloga, Doutora, Professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Claudia Sordi

Fonoaudióloga, Doutora, Professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, Sergipe, Brasil.

Raphaella Barroso Guedes-Granzotti

Fonoaudióloga, Doutora, Professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Kelly da Silva

Fonoaudióloga, Doutora, Professora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, Sergipe, Brasil.

RESUMO

A ironia, independentemente de seu subtipo, é usada rotineiramente na comunicação humana. Recursos verbais, vocais e não verbais são usados para expressar a ironia. Neste capítulo, o objetivo é apresentar uma revisão da literatura sobre o uso da ironia por meio da expressão facial. De acordo com os resultados obtidos, o rosto pode expressar ironia, destacando a contradição entre a fala oral e a própria expressão facial, o que ajuda o receptor a entender que a fala é irônica. Ainda existem lacunas científicas sobre o assunto, e mais pesquisadores devem investigar o tema.

Palavras-chave: Ironia, Rosto, Emoção.



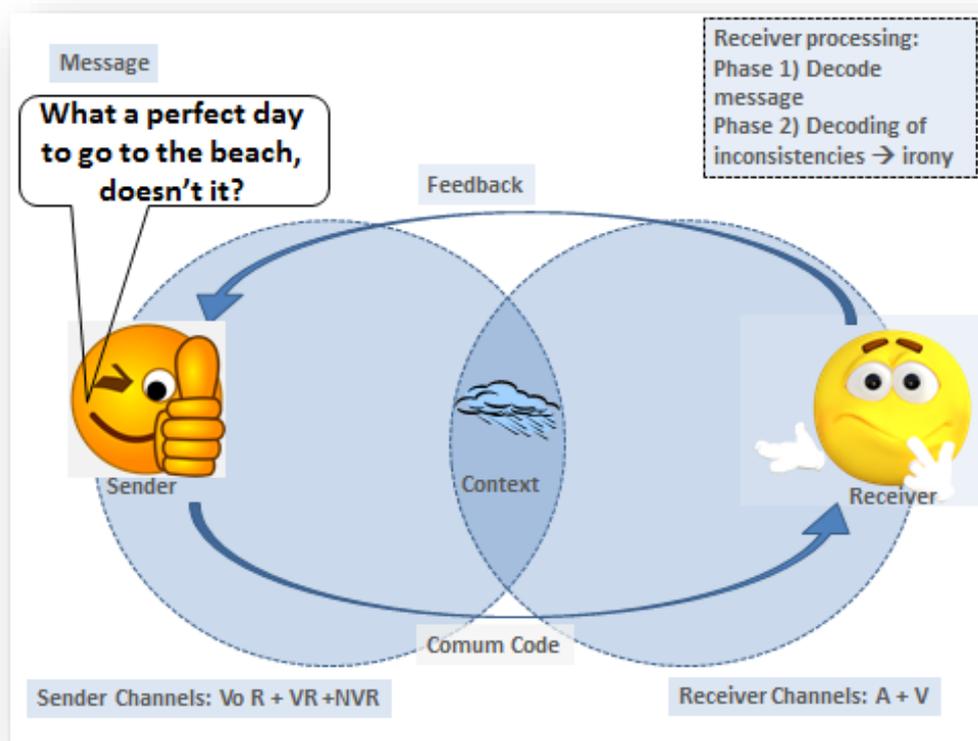
1 INTRODUÇÃO

A palavra ironia é de origem grega (eironeia) e significa ocultação (Costa, 2016) e é frequentemente usada na comunicação, - em cerca de 8% quando o diálogo é entre amigos (Gibbs Jr., 2000).

Existem várias teorias que explicam isso. De acordo com a teoria clássica, é considerada uma figura da linguagem, expressa por negação indireta. Na teoria da gradação de saliência, a ironia é mais frequentemente usada com palavras polissêmicas, que possuem vários significados, e são melhor compreendidas quando há maior familiaridade, frequência de uso e compreensão do contexto de uma determinada palavra. Também é considerado como um ato de discurso não sincero, não pragmático sincero, mas que expressa o estado psicológico do falante, e pode ser entendido como um ato intencional e violação da regra principal de um discurso, ou seja, de expressar a verdade. Outras teorias que explicam a Menção Ecoica, é quando alguém informa algo a um interlocutor e, por inferência, usa uma afirmação do que ouviu ou da Pretensão, ou seja, quando há um desejo consciente de torná-la uma atitude irônica. Apesar dos diferentes pressupostos teóricos que a explicam, a literatura concorda que, para que a ironia seja adequadamente interpretada, ela é dependente do contexto (voz, gestos, etc.) e requer duas etapas de processamento, uma exigindo a interpretação da mensagem, para posterior (Attardo, 2000), como pode ser visualizado no diagrama abaixo (Diagrama 1).

O remetente, ao usar a comunicação com mensagens intencionalmente diferentes de um determinado fato, como no sarcasmo e na ironia, usa processos diferentes: consistência entre a declaração e o contexto. O ouvinte deve analisar a afirmação e o fato, reter as informações em sua memória de trabalho, comparar a compatibilidade entre o fato e o que foi expresso por diferentes fontes e, finalmente, detectar a inconsistência nas informações. Nessa etapa, o ouvinte deve analisar os motivos pelos quais há inconsistências entre os fatos e o que foi dito, ou seja, se foi um erro do remetente ou se seu uso foi intencional, dessa forma, o ouvinte fará uma inferência ou um julgamento da intenção dos remetentes (Ackerman, 1981).

Diagrama 1. Diagrama de um processo de ironia verbal em dois estágios.



Legenda: R Vo = Recursos Vocais (prosódia, entonação, ritmo, duração da vogal, altura, volume etc.); RV = Recursos Verbais (articulação da palavra falada); RNV = Recursos Não-Verbais (gestos e expressões faciais); A = Audição e V = Visão.

Outro aspecto importante a ser enfatizado é a influência da atitude irônica, que depende tanto da compreensão do ouvinte quanto de sua complexidade, se mais ou menos explícita (Burgers, Van Mulken, Schellens, 2012), uma vez que o remetente, usando a ironia, o faz de forma consciente e deseja que o interlocutor (receptor da mensagem) a interprete.

Em geral, a ironia expressa um pensamento afirmativo do lado negativo, cobrindo e revelando uma dupla intenção da mensagem evidenciando, subtextos não explícitos, dicotomias e ambiguidades (Costa, 2016).

É percebida como uma emoção secundária e por implicar um conteúdo no discurso diferente do que se deseja expressar (Cheang e Pell, 2008), mostra incongruência entre o que foi 'pensado' e 'realidade' (Alavarce, 2009), pode ser uma mentira para alguns autores (Duarte, 2006) ou não, uma vez que sua intenção é explícita (Taberero, 2016).

Pesquisas que analisem expressões faciais e microexpressões faciais, estas últimas vistas como contrações musculares faciais que representam uma determinada emoção, mas produzidas muito rapidamente (Freitas-Magalhães, 2014), podem ajudar nisso, uma vez que a área tem pouca produção científica nesse sentido, ao contrário da linguística, que tem avançado significativamente na análise de discursos irônicos. Aqui estão as diferentes formas de ironia.

2 FORMAS DE IRONIA

Existem várias formas de ironia, de acordo com a literatura, que são descritas na tabela abaixo.

Tabela 1. Tipos de ironia, com definições endossadas pelos autores.

Tipos de ironia	Definição	Autor(es) / (ano)
<i>Anti-frase</i>	Quando as idéias exageradas são exaltadas ou o uso afetuosos é feito de termos ofensivos.	Pires (1981)
<i>Asteica</i>	Uso sutil e delicado da crítica irônica para disfarçar um elogio, que usa retórica e é considerada uma ironia positiva	Attardo (2000)
<i>Cósmico ou Infinito</i>	É a diferença entre o desejo humano e a realidade.	Moisés (2004)
<i>Crítica</i>	Forma social de comunicação, e nesse tipo de ironia, a valência emocional difere da situação e do significado literal. Seu uso é usado para criticar algo, estabelecendo uma valência negativa de emoção, ou seja, evoca uma atitude negativa em relação a um objeto. A frase positiva é usada para transmitir um significado negativo.	Dews et al. (1996), Attardo (2000), Agostino <i>et al.</i> (2016)
<i>Directo</i>	Quando um comentário é o oposto do que realmente significa e quem faz a ironia faz uma frase afirmativa*.	Orvalho <i>et al.</i> (1996)
<i>Do destino</i>	Corresponde à ironia situacional/comportamental – utilizada na poesia, em que o autor não infere ironia, mas o leitor a interpreta, ou seja, quando há uma distinção entre intenção e resultado da ação e verbal, aquela utilizada por meio da palavra/fala que difere do fato, utilizada em situações cotidianas.	Moisés (2004).
<i>Dramático</i>	Quem conhece o conteúdo é o público, enquanto o ator o ignora - usado nas Artes Dramáticas.	Moisés (2004).
<i>Elogio irônico</i>	De uso mais raro, é expresso por uma mensagem negativa para transmitir um significado positivo.	Orvalho et al. (1996)
<i>Eufemismo</i>	Quando palavras agradáveis são usadas para expressar algo desagradável.	Sacconi (2008)
<i>Hipérbole</i>	Quando se faz uso da expressão não literal, do exagero, de um pensamento ou da realidade de uma situação.	Gibbs Jr. (2000)
<i>Indireto</i>	Quando algo é o oposto do que foi dito, mas o discurso usado por quem faz a ironia faz uma sugestão e não uma afirmação*.	Orvalho <i>et al.</i> (1996)
<i>Engraçado</i>	Comentário sutil e indireto que tem intenção divertida e cômica	Gibbs Jr (2000)

	sobre uma determinada situação não prazerosa ou pessoa desagradável.	
<i>Sarcasmo</i>	Quando se faz uso de palavras ou expressões em tom pejorativo, embora com o uso de palavras positivas, com a intenção de agredir, ofender e ferir.	Gibbs Jr. (2000)
<i>Socrático ou Retórica</i>	Utilizado no ambiente pedagógico, o falante conhece o assunto, mas o questiona como se não o conhecesse, ou seja, o falante faz uma questão e, segundo Gibbs Jr, tal pergunta pode implicar tanto humor quanto uma afirmação crítica.	Gibbs Jr. (2000), Moisés (2004).
<i>Subvalorização</i>	Ao contrário da hipérbole, quando se faz uso da expressão de minimização não literal de um pensamento ou da realidade de uma situação.	Gibbs Jr (2000)

* O autor usa o seguinte exemplo para diferenciar entre ironia direta e indireta: em um acampamento de verão, as crianças estão sendo divididas por classes que serão propostas e uma das crianças é uma falha no mergulho. Em ironia direta, você poderia ouvir: "Você é um mergulhador engraçado" e indiretamente: "Acho que o mergulho será sua lição favorita".

Para uma melhor compreensão do assunto, vejamos agora os aspectos neurofisiológicos da percepção facial e aqueles envolvidos na ironia.

2.1 ASPECTOS NEUROFISIOLÓGICOS DA PERCEPÇÃO FACIAL E OS ENVOLVIDOS NA IRONIA

Estudos utilizando ressonância magnética mostraram que durante o desenvolvimento humano há um aumento na extensão da especialização do córtex para os estímulos relacionados à face, e a percepção da face começa nos primeiros estágios da vida e não é concluída até a adolescência, É evidente que o processamento dessas informações é diferente quando a atividade cortical entre crianças (com menos especialização e confiança) e adultos é comparada (Rysewyk, 2010).

Um estudo recente utilizando ressonância magnética funcional e quantitativa em 22 crianças (entre 5 e 12 anos) e 25 adultos (entre 22 e 28 anos) encontrou desenvolvimento diferencial de áreas visuais de alto nível envolvidas no reconhecimento facial e espacial. O desenvolvimento de regiões faciais específicas e seletivas do cérebro ocorre, em maior concentração, no giro fusiforme em crianças. Com o desenvolvimento e a especialização do tecido nervoso e a experiência com os diferentes rostos e expressões, o cérebro vai se especializando e as áreas acabam distinguindo entre o reconhecimento dos rostos e o reconhecimento de lugares na vida adulta. Esses resultados foram validados pelos autores com avaliação do tecido nervoso post-mortem de dez cadáveres. Segundo os autores, está surgindo um novo modelo para a compreensão da melhoria do reconhecimento e diferenciação de rostos desde a infância até a idade adulta, em que a função cerebral e o comportamento emergentes resultam da

proliferação de tecidos corticais (assumindo o aumento de mielina, dendritos, alterações nas matrizes perineuronais estruturais gliais e astrocíticas) e não exclusivamente da apoptose (Gomez et al., 2017).

Como a ironia é uma expressão facial emocional voluntária (EFE), é importante enfatizar que as expressões faciais voluntárias / deliberadas dependem do trato piramidal, originado no córtex motor e o espontâneo, o trato extrapiramidal cuja origem ocorre na área pré-motora e regiões subcorticais (como os gânglios da base), embora haja evidências de que a independência funcional dessas vias não é total, conforme revisado por McCabe et al. (2010).

Channon e Crawford (2000) verificaram que pacientes com lesões cerebrais no lobo frontal esquerdo tiveram perdas relativas na compreensão das histórias, especialmente aquelas envolvendo afirmações não literais em relação àqueles com lesões no lobo frontal direito e lesões posteriores (temporais, parietais ou occipitais) à esquerda ou à direita. Ratificando o exposto, Wakusawa et al. (2007) descobriram que quando o julgamento de uma determinada situação irônica foi feito, as áreas cerebrais ativadas são o córtex orbitofrontal medial. No entanto, para a produção de ironia, o lobo temporal direito é ativado.

Giora et al. (2000) avaliaram a compreensão de sarcasmo e metáforas adaptando uma bateria de testes de comunicação do hemisfério direito de Gardner e Brownell em 27 pacientes com lesões no hemisfério direito (RH), 31 no hemisfério esquerdo (LH) e compararam os resultados com o grupo controle (GC, n = 21). O grupo RH tendeu a apresentar escores mais baixos para a compreensão do sarcasmo e maiores escores na compreensão de metáforas quando comparado ao grupo LH. Além disso, os grupos com comprometimento neurológico evidenciaram prejuízos significativos na compreensão do sarcasmo quando comparados ao GC. Não houve diferenças estatisticamente significativas na interpretação das metáforas entre os grupos RH e GC, mas houve uma desvantagem significativa para o grupo RH em relação ao RH e GC. Correlações negativas significativas foram encontradas entre os escores do teste e a extensão da lesão para entender o sarcasmo no giro frontal médio e inferior esquerdo e para entender a metáfora no giro temporal médio esquerdo e na área de junção do giro temporal superior e supramarginal esquerdo. A extensão da lesão nas regiões do UR não se correlacionou com a realização do teste.

Wang et al. (2006) avaliaram a compreensão da ironia de 24 sujeitos (12 adultos com idade média de 26,9 anos e 12 crianças de nove a 14 anos) com figuras de desenhos animados enquanto ouviam contos que terminavam com uma observação potencialmente irônica e foram solicitados a decidir se o falante estava sendo sincero ou irônico (sarcástico). Tanto as crianças quanto os adultos foram instruídos a prestar atenção à expressão facial do falante ou à inflexão da voz da mensagem acompanhada das cenas de teste. Os resultados mostraram que crianças e adultos ativaram redes globais semelhantes, incluindo córtices frontal, temporal e occipital bilateralmente. Especificamente, as crianças recrutaram as regiões frontais inferiores esquerdas com mais força do que os adultos e

mostraram atividade confiável no córtex pré-frontal, enquanto os adultos não. Em contraste, os adultos ativaram as regiões occipitotemporais com mais força do que as crianças. Na condição de "discurso sincero", ambos os grupos apresentaram atividades significativas nas áreas frontotemporal e occipital em relação ao repouso. No entanto, os adultos exibiram o padrão típico de ativação lateral esquerda do processamento da linguagem, enquanto as crianças recrutaram uma rede mais bilateral, semelhante àquela ativada em condições de ironia. Além disso, apesar da falta de ambigüidade na intenção do falante nessa condição, a atividade também ativou, mas em menor grau, o córtex pré-frontal em crianças. Quando a tarefa era prestar atenção à expressão facial durante o discurso irônico, houve maior atividade neural no córtex visual e quando a atenção foi direcionada para a prosódia no giro temporal superior, respectivamente. Em geral, as crianças envolveram o córtex pré-frontal medial e o giro frontal inferior esquerdo com mais força do que os adultos, enquanto os adultos recrutaram giro fusiforme, áreas estriadas extras e amígdala com mais força do que os bebês. O maior envolvimento das regiões pré-frontais em crianças pode apoiar a integração de múltiplas pistas para reconciliar a discrepância entre o significado literal e o significado pretendido de uma observação irônica. Essa mudança do desenvolvimento de uma dependência nas regiões frontais para regiões occipitotemporais posteriores pode refletir a automação do raciocínio básico sobre estados mentais.

Spotorno et al. (2012) usaram ressonância magnética funcional para comparar a compreensão de 20 indivíduos saudáveis de 18 frases-alvo com contextos irônicos ou literais. Eles demonstraram que a rede da Teoria da Mente (ToM) se torna ativa enquanto um participante está entendendo a ironia verbal, especialmente do córtex pré-frontal medial, áreas posteriores e ventrais (da área de Brodmann 6 a 9), giro frontal inferior bilateral (áreas de Brodmann: 45, 46, 47), a junção temporoparietal bilateral (áreas de Brodmann: 40), a ínsula esquerda, o córtex parietal frontal dorsal posterior direito (área de Brodmann: 8) e o giro temporal médio direito Brodmann: 21). Além disso, demonstraram que a atividade ToM está diretamente relacionada aos processos de compreensão da linguagem.

Matsui et al. (2016) avaliaram a compreensão da prosódia e do sarcasmo de contexto em 21 adultos usando ressonância magnética. Para tanto, foram apresentadas aos participantes vinhetas contendo contos, cujos personagens haviam realizado atos bons ou ruins, seguidos de depoimentos positivos de seus familiares. Assim, os participantes foram solicitados a julgar o grau de sarcasmo usado no elogio, que foi acompanhado de prosódia afetiva positiva ou negativa. Encontraram correlação entre o contexto e a prosódia, com ativação da porção frontal e frontal do giro frontal inferior esquerdo, correspondendo à área de Brodmann 47. A incongruência entre prosódia negativa e elogio ativou a ínsula bilateralmente, estendendo-se para o giro frontal inferior direito, córtex cingulado inferior e tronco encefálico. Concluíram que o giro frontal inferior esquerdo (BA 47) está envolvido na integração do contexto do discurso e do enunciado com a prosódia afetiva na compreensão do sarcasmo.

Obert et al. (2016) investigaram a base neural do processamento da ironia entregando frases curtas de fala irônica e literal a 23 jovens adultos saudáveis que foram submetidos a ressonância magnética funcional para avaliar o efeito neural de dois parâmetros: grau de ironia e prazer do humor. Os resultados revelaram a ativação do giro frontal inferior bilateral (GFI), do giro temporal esquerdo posterior, do córtex frontal medial e das regiões subcorticais, como o núcleo caudado esquerdo durante o processamento da ironia. O grau de ironia mostrou-se associado à ativação de áreas frontais e subcorticais bilaterais e que essas regiões também eram sensíveis ao humor. A ativação do GFI bilateral foi, portanto, responsável pelo processamento do humor e refletiu os processos de detecção e resolução de incongruências. Além disso, a ativação de estruturas subcorticais pode estar relacionada ao processamento de recompensas de eventos sociais.

Como não existe apenas uma forma de ironia, vejamos como a literatura a classifica, da seguinte forma.

3 A FACE DA IRONIA

As expressões faciais geralmente acompanham os discursos orais e os recursos vocais para ratificar o que se deseja expressar. No entanto, é isso que acontece durante a produção de discursos irônicos? Não acreditamos que sim, pois quando as emoções são distorcidas - como no caso da ironia, há diferenças entre o tempo de manutenção da expressão, sendo que nesses casos, ela tende a permanecer mais longa do que quando comparada às expressões faciais que representam as emoções segundo Miguel e Primi (2014).

González-Fuente, Escandell-Vidal e Prieto (2015) descobriram que 70% dos sujeitos que fizeram discursos irônicos demonstraram recursos audiovisuais e seu uso favoreceu a compreensão da ironia. Verificaram as pistas léxico-sintáticas produzidas durante a fala, a face em geral (sorriso, riso, expressão franzida ou neutra), os movimentos das sobrancelhas (levantadas ou sulcadas), os olhos (fechados, contraídos e exagerados), os movimentos oculares (em direção ao interlocutor ou ao material e o desvio do olhar), a boca (lábios esticados, salientes, com elevação ou abaixamento das comissuras labiais), movimentos da cabeça (aceno de cabeça para frente, de rotação), braços e mãos. Além dos recursos vocais (pitch, loudness, prosódia, qualidade vocal, duração da sílaba, em milissegundos e taxa de elocução da fala - medida pelo tempo de fala dividido pelo número de sílabas). Para tanto, sujeitos amigáveis, dispostos em duplas, discutiram dois vídeos apresentados, essas discussões foram gravadas. Dentre as manifestações irônicas, o jocoso foi o mais frequente (34%) e as pistas vocais foram: o uso de ênfases, frases com configurações interrogativas (inflexão ascendente), quebras/pausas prosódicas e maior duração das sílabas. Em geral, as pistas audiovisuais nos discursos mais irônicos que se destacaram foram o rosto em geral e a cabeça, com maior mudança na direção do

olhar (desvio do olhar durante o discurso irônico) e sorriso e / ou riso durante o enunciado irônico, movimentos (inclinação e movimentos laterais), lábios esticados e sobrancelhas levantadas.

A literatura descreve que a ironia pode ser expressa facialmente como desprezo e aversão (Wilson e Sperber, 2012).

Ekman, Friesen e Hager (2002) sugeriram a análise da face verificando as unidades de ação muscular (AUs) nos terços superior e inferior da face, pelo Facial Action Coding System - FACS). Assim, apresentaremos os achados da literatura dessa divisão.

No terço superior da face, principalmente na região dos olhos, houve maior produção de olhar aversivo no sarcasmo, o que é uma espécie de ironia (Williams, Burns e Harmon, 2009). De acordo com a literatura (Ekman, Friesen, Hager, 2002, Freitas-Magalhães (1998)), pode haver uma mudança na direção do olhar (o desvio do olhar durante a produção do discurso irônico), segundo González-Fuente, Escandell-Vidal, Prieto, 2011a, e Roberto e Luigi, 2015), correspondem às AUs 61 e 62, características da emoção de desprezo.

Outro aspecto relatado na literatura refere-se às expressões faciais mistas, situação em que pode haver contração do ondulador dos cílios, aproximando-se das sobrancelhas no momento de um sorriso, não demonstrando no momento nem felicidade nem raiva (Ekman, 2003). Como Williams, Burns e Harmon (2009) citam um olhar aversivo sobre os discursos irônicos e, na aversão, segundo Ekman (2003), as sobrancelhas podem apresentar uma gota, esse sinal pode ser encontrado durante a produção da ironia, sendo visível para AU4. No entanto, González-Fuente, Escandell-Vidal, Prieto (2015) encontraram sobrancelhas elevadas durante a produção do discurso irônico. Portanto, as AUs que podem estar envolvidas na ironia podem ser AU1 e AU2.

Na face inferior, a literatura citou a presença do sorriso na ironia (Freitas-Magalhães, 2009 e González-Fuente, Escandell-Vidal, Prieto, 2015) e/ou riso (González-Fuente, Escandell, Freitas-Magalhães (2011) apontou que no sorriso posado/falsificado envolve consciência por parte do emissor, sendo ativadas estruturas cerebrais como o córtex pré-motor, os músculos frontal e zigomático (maior e menor) e o orbicular dos olhos e, no verdadeiro/genuíno, o córtex motor, a amígdala e o músculo orbicular do olho (parte central).

Em relação ao sorriso, segundo Freitas-Magalhães (2009), este é um dos principais organizadores do psiquismo humano e pode assumir a configuração voluntária, induzida e dissimulada, acrescentando que "(...) está associada a sentimentos positivos como felicidade, prazer, diversão ou amizade, mas também expressa ironia, tristeza, insatisfação, nojo e constrangimento "(50). Seria semelhante ao sorriso falso, segundo o autor, situação em que ele aparece e desaparece rapidamente, é exagerado, "congelado" e assimétrico, revelando expressões mistas e indiscrições não verbais.

Deve-se ressaltar que expressões faciais falsas podem ser detectadas porque geram conflito no observador devido à sobreposição de emoções (Freitas-Magalhães, 2011).

Então, como você o diferencia? Por contexto. Segundo Freitas-Magalhães (2009), o contexto é um dos moderadores estudados na exibição do modo sorriso, intensidade e frequência.

O contexto pode afetar o julgamento das expressões faciais emocionais, favorecendo sua precisão (Izard, 1998).

O movimento da cabeça também foi observado na literatura, com a visualização da inclinação da cabeça ou movimentos no eixo horizontal (González-Fuente, Escandell-Vidal, Prieto, 2015). Assim, de acordo com o FACS, as unidades de movimento envolvidas podem ser 51, 52, 55 ou 56.

Agostino et al. (2016) avaliaram crianças e adolescentes com figuras e afirmações que representavam a verdade, a ironia crítica (valência negativa) e o elogio enfático (valência positiva) - os dois últimos representam a incongruência entre o discurso e o fato real; Ironia crítica: a intenção da mensagem é negativa e o que foi expresso não corresponde ao fato e, em elogios enfáticos, a intenção da mensagem corresponde ao significado literal, mas não à situação com diferenças na entonação das frases. Ambos pretendem afetar o estado emocional do ouvinte (sentir-se mal ou bem, respectivamente para ironia crítica e elogio enfático), considerado como linguagem indireta. No exemplo de uma das figuras de teste dos autores, a fala era incompatível com a EFE - retratando ironia - e, nessa situação, eles usaram ilustração com inclinação da cabeça para a direita (correspondente a M56 do FACS) associada à elevação do supercílio do (correspondente ao FACS R1) e realce do lábio lateral contralateral (correspondente ao FACS L12).

Rockwell (2000) e Conz (2010) também relataram que na ironia pode haver inexpressividade, "revirar os olhos" ou "zombaria", sem descrever qual seria essa característica, justificando pesquisas nessa área.

Como observado, a EFE da ironia ainda carece de mais estudos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As emoções secundárias, como a ironia, também são chamadas de complexas, pois são combinações das primárias e são consideradas como a consciência do estado emocional com alterações somáticas, estando ligadas a experiências anteriores, ou seja, a disposições adquiridas (Damásio, 1998). De acordo com Taberner e Politis (2013), as emoções básicas parecem estar envolvidas na formação de emoções secundárias, mas a presença de dissociações duplas entre as tarefas pode indicar que sua execução envolve processos parcialmente independentes.

Além do exposto, as emoções secundárias dependem de estados mentais complexos, nos quais há atribuição de crença ou intenção, ou seja, um estado cognitivo mental para a pessoa (Baron-Cohen et al., 2001), como no caso da ironia.

Assim, essa emoção secundária é amplamente utilizada em situações discursivas, em diferentes contextos como nas artes, na comunicação midiática (televisão, jornal, rádio, revistas, etc.) e na vida

cotidiana (Pereira, 2015), como evidenciado em pesquisas preliminares em fase de desenvolvimento (César, Freitas-Magalhães, 2017).

A ironia pode ser usada como base para a criação de uma identidade e como estratégia de sobrevivência de ideologias opressivas (Cardeña, 2003), para diminuir a força de uma função de silenciamento ou de uma crítica implícita (no caso da ironia crítica) ou de um elogio implícito (em um elogio irônico), ou para uso em situações de humor, segundo Dews et al. (1996).

Como figura de linguagem, pode ser usada como retórica, para expressar algo diferente do que se pensa de fato, bem como para provocar o riso no humor (rir do ou com o outro/mundo) e como um "poderoso instrumento crítico" (Loureiro, 2007, p.14).

Infere-se que a ironia é uma emoção de ordem mais complexa para sua decodificação, uma vez que há necessidade de compreender a intenção afetiva e, em sua expressão, exige de quem a evoca, um controle da expressão social do falso afeto, como afirma Agostino et al. (2016).

Como uma emoção mista, a hipótese de seu uso está associada a uma forma de julgamento moral.

A literatura descreveu que as expressões faciais emocionais (EFEs) evoluíram de uma regulação sensorial e adaptada do uso dos músculos faciais para a expressão do julgamento moral (Benitez-Quiroz, Wilbur e Martinez, 2016).

Nesse tipo de julgamento citado, autores relataram que há a inclusão de expressões como raiva, aversão e desprezo. No momento em que a ironia como EFE se expressa de forma mista (hipotetizou sua expressão com a manifestação mista de felicidade com aversão ou desprezo) e interpretada de forma contextual, ela pode ser considerada como um co-articulador da fala (Benitez-Quiroz, Wilbur e Martinez, 2016).

Além disso, ressaltamos a importância de as expressões faciais emocionais serem sempre analisadas concomitantemente ao contexto, pois, como afirmam Righart e Gelder (2008), elas favorecem a compreensão das EFEs e, acrescentamos aqui, da ironia.



REFERÊNCIAS

- Ackerman, B. P. (1981). Young children's understanding of a speaker's intentional use of false utterance. *Developmental Psychology*, 17, pp. 472–80.
- Agostino, A., Im-Bolter, N., Stefanatos, A. K., Dennis, M. (2016). Understanding ironic criticism and empathic praise: the role of emotive communication. *British Journal of Developmental Psychology*.
- Alavarce, C. S. (2009). *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Arrais, K. C. (2013). *Correlatos do reconhecimento de emoções faciais com medidas fisiológicas do teste de controle postural em indivíduos com transtorno de ansiedade social* [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto.
- Attardo, S. (2000). Irony as relevant inappropriateness. *Journal of pragmatics*, 32(6), pp. 793-826.
- Baron-Cohen, S., Wheelwright, S., Hill, J., Raste, Y., Plumb, I. (2001). The “Reading the Mind in the Eyes” test revised version: A study with normal adults, and adults with Asperger syndrome or high-functioning autism. *Journal of child psychology and psychiatry*, 42(2), pp. 241-251.
- Benitez-Quiroz, C. F., Wilbur, R. B., Martinez, A. M. (2016). The not face: a grammaticalization of facial expressions of emotion. *Cognition*, 150, pp. 77-84.
- Burgers, C., Van Mulken, M., Schellens, P. J. (2012). Type of evaluation and marking of irony: The role of perceived complexity and comprehension. *Journal of Pragmatics*, 44(3), pp. 231-42.
- Cardeña, I. (2003). On humour and pathology: the role of paradox and absurdity for ideological survival. *Anthropology & medicine*, 10(1), pp. 115-42.
- Channon, S., Crawford, S. (2000). The effects of anterior lesions on performance on a story comprehension test: left anterior impairment on a theory of mind-type task. *Neuropsychologia*, 38(7), pp. 1006-17.
- Cheang, H. S. e Pell, M. D. (2008). The sound of sarcasm. *Speech Communication*, 50, pp: 366-81.
- Conz, J. (2010). *Ironia verbal: teorias e considerações*. Monografia [Licenciatura em Letras], Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Costa, A. M. M. (2016). Dualidade e ironia em Esaú e Jacó. *Machado de Assis em Linha*, 9(18), pp. 64-73.
- Damásio, A. (1998). *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Schwarcz.
- Dews, S., Winner, E., Kaplan, J., Rosenblatt, E., Hunt, M., Lim, K., McGovern, A., Qaulter, A., Smarsh, B. (1996). Children's understanding of the meaning and functions of verbal irony. *Child Development*, 67, pp. 3071–85.
- Duarte, L. P. (2006). *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, São Paulo: Alameda.
- Ekman, P. (1999). Basic emotions. In: Dalgleish, T. e Power, M. J. (Ed.). *Handbook of cognition and emotion*. New York: John Wiley & Sons, pp. 45-60.



- Ekman, P. (2003). *Emotions revealed: understanding faces and feelings*. London: Weidenfeld & Nicolson.
- Ekman, P., Friesen, W. V. e Hager, J. C. (2002) *Facial action coding system: investigator's guide*. 2nd ed. Salt Lake: Research Nexus eBook.
- Fox, E., Yates, A., Ashwin, C. (2012). Trait anxiety and perceptual load as determinants of emotion processing in a fear conditioning paradigm. *Emotion*, 12(2), pp. 236-49.
- Freitas-Magalhães, A. (2009). *A psicologia das emoções: o fascínio do rosto humano*. 2^a ed. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Freitas-Magalhães, A. (2011a). *O código de Ekman: o cérebro, a face e a emoção*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Freitas-Magalhães, A. (2011b). Emotion: from the brain to the face and back. Emotional expression: the brain and the face. In: Freitas-Magalhães, A. (Ed.) *Emotional expression: the brain and the face*. Porto: FeeLab Science Books. pp. 1-40.
- Freitas-Magalhães, A. (2014). *Micro-expressão e macro-expressão: vestígios e consequências*. Porto: FeeLab Sciences Books.
- Gao, X., Maurer, D. (2009). Influence of intensity on children's sensitivity to happy, sad, and fearful facial expressions. *Journal of experimental child psychology*, 102(4), pp. 503-21.
- Gibbs Jr., R.W. (2000). Irony in talk among friends. *Metaphor and Symbol*, 15 (1-2), pp. 5-27.
- Giora, R., Zaidel, E., Soroker, N., Batori, G., Kasher, A. (2000). Differential effects of right-and left-hemisphere damage on understanding sarcasm and metaphor. *Metaphor and Symbol*, 15(1-2), pp. 63-83.
- Gomez, J., Barnett, M. A., Natu, V., Mezer, A., Palomero-Gallagher, N., Weiner, K. S., Amunts, K., Zilles, K., Grill-Spector, K. (2017). Microstructural proliferation in human cortex is coupled with the development of face processing. *Science*, 355(6320), pp. 68-71.
- González-Fuente, S., Escandell-Vidal, V., Prieto, P. (2015). Gestural codas pave the way to the understanding of verbal irony. *Journal of Pragmatics*, 90, pp. 26-47.
- Guimarães, M. J. (2001). Ironia: uma primeira abordagem. *Revista da Faculdade de Letras, Língua e Literaturas*, 18, pp: 411-22.
- Izard, C. E. Emotions and facial expressions: a perspective from differential emotions theory. In: Russell, J. A., Fernández-Dols, J. M. (Ed.) *The psychology of facial expression*. 2nd ed. New York: Cambridge University Press; 1998. pp. 57-77.
- Leime, J. L., Rique Neto, J., Alves, S. M., Torro-Alves, N. Recognition of facial expressions in children, Young adults and elderly people. *Estudos de Psicologia*, (30)2, pp. 161-7.
- Loureiro, I. (2007). Ironia (s) em Freud: da escrita à ética. *Ide*, 30(45), pp. 13-9.
- Matsui, T., Nakamura, T., Utsumi, A., Sasaki, A. T., Koike, T., Yoshida, Y., Harada, T., Tanabe, H. C., Sadato, N. (2016). The role of prosody and context in sarcasm comprehension: behavioral and fMRI evidence. *Neuropsychologia*, 87, pp. 74-84.

McCabe, D. L., Borod, J. C., Meltzer, E. P., Spielman, J., Ramig, L. O. (2010). Masked faces in Parkinson's disease: emotional and motoric factors, neuropathology, Duchenne smiling, and treatment. In: Freitas-Magalhães, A. (Ed.). *Emotional expression: the brain and the face*, 2nd v. Porto: Universidade Fernando Pessoa. pp. 3-41.

Miguel, F. K., Primi, R. (2014). Criação de vídeos de expressões emocionais por meio de estímulos multimídia. *Psicologia: teoria e prática*, 16(1), pp. 155-68.

Moisés M. (2004). *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix; 2004.

Obert, A., Gierski, F., Calmus, A., Flucher, A., Portefaix, C., Pierot, L., Kaladjian, A., Caillies, S. (2016). Neural correlates of contrast and humor: processing common features of verbal irony. *PloS one*, 11(11), pp. e0166704.

Pereira, H. B. (2015). O estudo da ironia em sala de aula. *Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura*, 17(3), pp. 25-35.

Pierrehumbert, J. B. (2003). Phonetic diversity, statistical learning, and acquisition of phonology. *Language and Speech*, 46, pp. 115-54.

Pires, O. (1981). *Manual de teoria e técnica literária*. Rio de Janeiro: Presença.

Righart, R., Gelder, B. (2008). Recognition of facial expressions is influenced by emotional scene gist. *Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience*, 8(3), pp. 264-72.

Roberto, M., Luigi, T. (2015) *A face e suas emoções*. São Paulo: Laços.

Rockwell, P. (2000). Lower, slower, louder: vocal cues of sarcasm. *Journal of Psycholinguistics Research*, 29(5), 483-95.

Rodrigues, S. I. C. (2013). O papel da ansiedade traço no reconhecimento de expressões faciais emocionais e prosódia emocional [dissertação]. Faro: Universidade do Algarve.

Rysewyk, S. V. (2010) Towards the developmental pathway of face perception abilities in the human brain. In: Freitas-Magalhães, A. (Ed.). *Emotional expression: the brain and the face*, 2nd v. Porto: Universidade Fernando Pessoa. pp. 111-31.

Sacconi, L. A. (2008). *Gramática comunicativa Sacconi*. São Paulo: Nova Geração.

Snaith, R. P. (2003). The hospital anxiety and depression scale. *Health and quality of life outcomes*, 1(1), pp: 29-32.

Spotorno, N., Koun, E., Prado, J., Van Der Henst, J. B., Noveck, I. A. (2012). Neural evidence that utterance-processing entails mentalizing: the case of irony. *NeuroImage*, 63(1), pp. 25-39.

Tabernero, C. (2016). Con no sé qué vislumbres de ironía: indicadores y marcas de la ironía en el viaje del parnaso. *Alpha*, (43), pp. 205-17.

Tabernero, M. E., Politis, D. G. (2013). Reconocimiento de emociones básicas y complejas en la variante conductual de la demencia frontotemporal. *Neurología Argentina*, 5(2), pp. 57-65.



Vieillard, S., Guidetti, M. (2009). Children's perception and understanding of (dis) similarities among dynamic bodily/ facial expressions of happiness, pleasure, anger, and irritation. *Journal of experimental child psychology*, 102(1), pp. 78-95.

Wakusawa, K., Sugiura, M., Sassa, Y., Jeong, H., Horie, K., Sato, S., Yokoyama, H., Tsuchiya, S., Inuma, K., Kawashima, R. (2007). Comprehension of implicit meanings in social situations involving irony: A functional MRI study. *NeuroImage*, 37(4), pp. 1417-26.

Wang, A. T., Lee, S. S., Sigman, M., Dapretto, M. (2006). Developmental changes in the neural basis of interpreting communicative intent. *Social cognitive and affective neuroscience*, 1(2), pp. 107-21.

Williams, J. A., Burns, E. L., Harmon, E. A. (2009). Insincere utterances and gaze: eye contact during sarcastic statements. *Perceptual and motor skills*, 108(2), pp. 565-72.

Wilson, D., Sperber, D. (2012). Explaining irony. In: Wilson, D., Sperber, D. (Ed.) *Meaning and relevance*. New York: Cambridge University Press. pp. 123-46.

Zigmond, A. S., Snaith, R. P. (1983). The hospital anxiety and depression scale. *Acta Psychiatr Scand*, 67: 361-70.